

COLUNA

Carnaval 2025

À FLOR DA TERRA, A MANGUEIRA PISA NO CHÃO DO RIO DA NEGRITUDE ENTRE DORES E PAIXÕES

Leandro Rodrigues Nascimento da Silva¹

Sob o céu plúmbeo do Rio de Janeiro, onde o aroma salgado do mar se misturava ao cheiro acre da cidade, um homem bantu chegava. Seus pés, outrora firmes na terra ancestral, agora tocavam o cais de pedra com a hesitação de quem já não reconhece o chão como seu. A pele, marcada pelo sol implacável da África, carregava agora as cicatrizes invisíveis de uma jornada forçada através do Atlântico. Seus olhos, profundos como a noite sem lua, refletiam uma dor antiga, uma saudade que não podia ser nomeada, pois a língua que a expressava havia sido silenciada pelas correntes. O ar pesado do porto, carregado de gritos, gemidos e o som metálico das correntes, parecia ecoar o lamento de milhares de almas arrancadas de suas raízes. Ele, mais um entre tantos, trazia consigo não apenas o peso do corpo exausto, mas o fardo de uma identidade diluída, de uma história interrompida. Seu nome, outrora pronunciado com orgulho nos rituais da aldeia, agora era apenas um som estranho na boca dos senhores, distorcido pelo desprezo e pela indiferença.

Enquanto os navios balançavam suavemente no porto, como se acalentassem os segredos sombrios de suas entranhas, o homem bantu olhava para o horizonte, onde o céu e o mar se encontravam. Ali, além daquela linha tênue, estava tudo o que ele havia perdido: a terra vermelha, o canto dos ancestrais, o calor da fogueira que

¹ Professor Assistente na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

unia a comunidade. Mas também ali, naquele mesmo horizonte, havia uma promessa silenciosa de resistência, de que, mesmo nas entranhas da dor, a chama da identidade não se apagaria.

Os dias que se seguiram foram de adaptação forçada a uma nova realidade. O homem bantu foi levado para uma senzala nos arredores da cidade, onde o ar era denso e o chão de terra batida guardava as lágrimas de gerações passadas. Trabalhava de sol a sol, sob o chicote e o olhar vigilante dos feitores, mas, nas horas de descanso, ele se permitia lembrar. Lembrava dos tambores que ecoavam nas noites africanas, dos cantos que invocavam os espíritos dos antepassados, da dança que unia corpo e alma em um só ritmo. Essas memórias, embora dolorosas, eram o que o mantinham vivo. O tempo passou, e o Rio de Janeiro, com suas contradições e complexidades, foi se tornando parte de sua existência. A cidade fervilhava de vida. Nas ruas estreitas, ele via senhores bem vestidos e escravizados curvados sob o peso de cargas impossíveis. Ouvia risos e choros, cantos de trabalho e preces silenciosas. E, em meio a tudo isso, começou a perceber que a resistência não estava apenas na memória, mas também na capacidade de se reinventar. Foi assim que, anos depois, ele se encontrou em meio a uma festa de Carnaval. As ruas estavam tomadas por uma multidão alegre e barulhenta, onde as diferenças sociais pareciam se dissolver, ainda que por pouco tempo. Homens, mulheres, crianças, ricos e pobres, livres e escravizados – todos dançavam sob o mesmo céu, ao som de tambores que ecoavam como um chamado. O homem bantu, agora mais velho, mas ainda forte, sentiu o coração acelerar ao ouvir aqueles ritmos. Era como se os tambores falassem diretamente com sua alma, como se o chamassem de volta para casa.

Ele se viu dançando, primeiro com hesitação, depois com uma força que parecia brotar das profundezas do seu ser. Seus pés batiam no chão, marcando o ritmo, enquanto suas mãos se moviam no ar, como se estivessem invocando os espíritos dos seus antepassados. Ao seu redor, outros africanos e seus descendentes se juntaram à dança, criando um círculo de energia. Ali, naquele momento, ele não era mais um escravizado – era um guerreiro, um filho da África, um guardião de uma

cultura que não podia ser apagada. O Carnaval, com suas cores, músicas e danças, tornou-se um espaço de liberdade temporária, onde as correntes invisíveis se quebravam e a identidade renascia. Naquela noite, sob as estrelas do Rio de Janeiro, ele não estava sozinho. Estava cercado por uma comunidade invisível, unida pela dor, pela esperança e pela certeza de que, um dia, a liberdade seria mais do que um sonho distante.

O Carnaval carioca, conhecido por sua capacidade de transformar dor em arte, memória em celebração e luta em beleza, mais uma vez se prepara para emocionar o mundo. Em 2025, a Estação Primeira de Mangueira, escola que há décadas se consagra como voz dos oprimidos e guardiã das histórias não contadas, levará para a Sapucaí um enredo que ressoa profundamente com a trajetória de milhões de africanos escravizados no Brasil. O tema, intitulado "Tambores do Silêncio: A Saga Bantu no Rio de Janeiro", promete não apenas encantar os olhos, mas também tocar a alma, ao resgatar a história de resistência e reinvenção de um povo que moldou a identidade cultural brasileira, tal qual a história ficcionada que apresentamos no início deste texto. A narrativa do enredo da Mangueira dialoga com o conto literário do homem bantu que, arrancado de sua terra natal, encontrou no Rio de Janeiro do século XIX um cenário de dor, mas também de resiliência. Assim como no conto, a escola vai retratar a chegada dos bantus ao porto do Rio, a adaptação forçada à escravidão e, finalmente, a transformação dessa cultura em um dos pilares da identidade brasileira. A Mangueira, sempre atenta aos detalhes, promete mostrar como os bantus, mesmo sob o jugo da escravidão, conseguiram preservar seus ritos, sua música e sua espiritualidade, influenciando profundamente a cultura popular do país.

Uma das curiosidades mais emocionantes do desfile é a forma como a escola vai representar a dança e os tambores bantus, elementos centrais na narrativa do homem bantu que encontrou no Carnaval um espaço de liberdade. Segundo o carnavalesco da Mangueira, os tambores que ecoarão na avenida serão feitos artesanalmente, seguindo técnicas tradicionais bantus, e os passos dos dançarinos

serão inspirados em movimentos ancestrais, recriados a partir de pesquisas profundas sobre a cultura bantu. Além disso, a escola promete trazer para a Sapucaí uma ala inteira dedicada aos quilombos, mostrando como essas comunidades foram espaços de resistência e preservação cultural. A cultura bantu, originária de regiões que hoje compreendem Angola, Congo e Moçambique, é riquíssima em mitos e lendas que explicam a criação do mundo, a relação entre os homens e os deuses, e os mistérios da natureza. A Mangueira, em seu desfile, vai destacar alguns desses mitos, mostrando como eles foram preservados e reinterpretados no Brasil.

Nzambi Mpungu, o deus supremo para muitos povos bantus, é o criador de tudo o que existe. Segundo a lenda, ele moldou o mundo a partir do caos e deu vida aos primeiros seres humanos. A Mangueira vai representar Nzambi, mostrando sua conexão com a natureza e sua importância como guardião da ordem cósmica. Outra figura que pode aparecer no desfile é Kibuku, um herói mítico conhecido por sua coragem e habilidade como caçador. Em uma das lendas, ele enfrenta uma fera terrível para salvar sua aldeia, simbolizando a luta contra as adversidades. Mami Wata também é uma figura presente em várias culturas africanas, entre os bantus ela é reverenciada como uma divindade das águas, capaz de trazer prosperidade e fertilidade, e pode ser homenageada na Sapucaí. Assim como no conto literário do homem bantu que encontrou no Carnaval um espaço de liberdade, a Mangueira vai mostrar como esses mitos sobreviveram e se transformaram na diáspora. A escola promete trazer para a avenida a figura do Nganga, o sacerdote bantu que, no Brasil, se tornou sinônimo de resistência espiritual, mantendo vivos os rituais e as crenças de seu povo.

O enredo da Mangueira em 2025 não é apenas um desfile; é uma aula de história, um manifesto de resistência e um tributo àqueles que, como o homem bantu do conto, encontraram na arte e na cultura uma forma de sobreviver e se reinventar. Em um momento em que o Brasil ainda luta para reconhecer e reparar as feridas do passado, a Mangueira mais uma vez se coloca como voz dos que não foram ouvidos, provando que o Carnaval é, acima de tudo, um espaço de memória e transformação.

E, assim, enquanto os tambores ecoam na Sapucaí, o homem bantu dança. Não mais sob as correntes da escravidão, mas sob as luzes da liberdade, celebrando uma história que, graças à Mangueira, nunca será esquecida. E, com ele, dançam também Nzambi, Kibuku, Mami Wata e todos os mitos que atravessaram o oceano para nos lembrar de quem somos e de onde viemos. Vamos ao samba deste ano da agremiação mencionada?

*Oya, Oya, Oya é
Oya Matamba de kakoroká zingue
Oya, Oya, Oya é ô
Oya Matamba de Kakoroká zingue ô*

*É de arerê, força de Matamba
É dela o trono onde reina o samba
É de arerê, força de Matamba
É dela o trono onde reina o samba*

*Sou a voz do gueto, dona das multidões
Matriarca das paixões, Mangueira
O povo banto que floresce nas vielas
Orgulho de ser favela
Sou a voz do gueto, dona das multidões
Matriarca das paixões, Mangueira
O povo banto que floresce nas vielas
Orgulho de ser favela*

*Sou Luanda e Benguela
A dor que se rebela, morte e vida no oceano
Resistência quilombola
Dos pretos novos de Angola
De Cabinda, suburbano
Tronco forte em ribanceira
Flor da terra de Mangueira
Revel do Santo Cristo que condena
Mistério das calungas ancestrais
Que o tempo revelou no cais
E fez do Rio minha África pequena*

*Ê malungo, que bate tambor de Congo
Faz macumba, dança jongo, ginga na capoeira
Ê malungo, o samba estancou teu sangue
De verde e rosa, renasce a nação de Zambi*

*Bate folha pra benzer, Pembelê, Kaiango
Guia meu camutuê, Mãe Preta ensinou
Bate folha pra benzer, Pembelê, Kaiango
Sob a cruz do seu altar, inquite incorporou*

*Forjado no arrepio
Da lei que me fez vadio
Liberto na senzala social
Malandro, arengueiro, marginal
Na gira, jogo de ronda e lundu
Onde a escola de vida é zungu
Fui risco iminente
O alvo que a bala insiste em achar
Lamento informar
Um sobrevivente*

*Meu som, por você criticado
Sempre censurado pela burguesia
Tomou a cidade de assalto
E hoje, no asfalto
A moda é ser cria
Quer imitar meu riscado
Descolorir o cabelo
Bater cabeça no meu terreiro*

*É de arerê, força de Matamba
É dela o trono onde reina o samba
É de arerê, força de Matamba
É dela o trono onde reina o samba*

*Sou a voz do gueto, dona das multidões
Matriarca das paixões, Mangueira
O povo banto que floresce nas vielas
Orgulho de ser favela
Sou a voz do gueto, dona das multidões
Matriarca das paixões, Mangueira
O povo banto que floresce nas vielas
Orgulho de ser favela*

*Sou Luanda e Benguela
A dor que se rebela, morte e vida no oceano
Resistência quilombola
Dos pretos novos de Angola
De Cabinda, suburbano
Tronco forte em ribanceira
Flor da terra de Mangueira
Revel do Santo Cristo que condena
Mistério das calungas ancestrais
Que o tempo revelou no cais
E fez do Rio minha África pequena*

*Ê malungo, que bate tambor de Congo
Faz macumba, dança jongo, ginga na capoeira
Ê malungo, o samba estancou teu sangue
De verde e rosa, renasce a nação de Zambi*

*Bate folha pra benzer, Pempelê, Kaiango
Guia meu camutuê, Mãe Preta ensinou
Bate folha pra benzer, Pempelê, Kaiango
Sob a cruz do seu altar, inquite incorporou*

*Forjado no arrepio
Da lei que me fez vadio
Liberto na senzala social
Malandro, arengueiro, marginal
Na gira, jogo de ronda e lundu
Onde a escola de vida é zungu
Fui risco iminente
O alvo que a bala insiste em achar
Lamento informar
Um sobrevivente*

*Meu som, por você criticado
Sempre censurado pela burguesia
Tomou a cidade de assalto
E hoje, no asfalto
A moda é ser cria
Quer imitar meu riscado
Descolorir o cabelo
Bater cabeça no meu terreiro*

*É de arerê, força de Matamba
É dela o trono onde reina o samba
É de arerê, força de Matamba
É dela o trono onde reina o samba*

*Sou a voz do gueto, dona das multidões
Matriarca das paixões, Mangueira
O povo banto que floresce nas vielas
Orgulho de ser favela
Sou a voz do gueto, dona das multidões
Matriarca das paixões, Mangueira
O povo banto que floresce nas vielas
Orgulho de ser favela*

*Sou a voz do gueto, dona das multidões
Matriarca das paixões, Mangueira
O povo banto que floresce nas vielas
Orgulho de ser favela
Sou a voz do gueto, dona das multidões
Matriarca das paixões, Mangueira
O povo banto que floresce nas vielas
Orgulho de ser favela
Orgulho de ser favela
Orgulho de ser favela*